

ARI CUNHA

Visto, Lido e Ouvido

Para onde vai o ensino brasileiro

O ensino público vai muito mal no Brasil, e isto não é novidade para ninguém. As verbas não chegam às salas de aula, não chegam aos professores. Recentemente, temos visto no **Diário Oficial** uma peneira tapando o sol, através de muitos convênios do Ministério da Educação, destinando um milhão e meio, ou dois milhões, para construir salas de aula, ou três milhões para municípios comprarem ônibus. Isto é demagogia.

Sendo assim, os alunos vão para a rede particular.

É sabido que a falência do ensino público decorreu de dinheiro mal-aplicado. Por isto, os particulares trataram de se equipar e oferecer bons colégios. Nem todos o são, porque em toda a parte há sempre os que se aproveitam das oportunidades somente para auferir lucros. Mas a maioria pensa direito, e quer que a coisa ande no Brasil.

Está comprovado que as mensalidades estavam muito altas e dificultavam o orçamento dos pais, mas não é acabando com o ensino privado, que vai se resolver o problema. Desde março as mensalidades estão congeladas, e começa a se projetar, principalmente nos colégios religiosos, o que se chama desobediência civil. É que as escolas não suportam mais o congelamento desde março. O que elas sugerem, é que se escolha um ponto zero. Isto será possível, conhecendo-se o que aumentou nas despesas desde março, e se faça então um reajuste. A partir daí, que se comece a criar uma maneira de compor novas tabelas, mas sem esquecer o que vem acontecendo desde março. E o sistema de discutir aumentos com os alunos é uma norma visivelmente impossível, e que contraria os interesses de ambos os lados. O ministro Chiarelli deve repensar muita coisa, para não ser conhecido no Ministério como o perseguidor de um ensino que estava dando certo.

BOMBA ATÔMICA — Repercutiu forte na imprensa alemã o fato de um membro do atual governo brasileiro, José Goldemberg, secretário de Tecnologia, haver afirmado em entrevista ao **The New York Times**, que o Brasil tinha um plano para construir a bomba atômica, iniciado no governo Geisel. Tanto o **Frankfurter Rundschau** como o **Suddeutscher Zeitung** ressaltaram ser a primeira vez que um colaborador do governo brasileiro se permite fazer tal declaração.

■
FORÇA — O PT, subdividido em facções, não terá muito tempo como partido. A decisão da prefeita Erundina de apoiar Fleury no segundo turno pode não representar o desejo do PT, logo em São Paulo, seu principal centro de eleitores.

■
DIETAS — O brasileiro está sendo enganado a todo instante, pelos produtos dietéticos. Sabe-se, agora, que a **Coca diet** tem sacarina e o chocolate dietético engorda. Outros produtos estão na mesma situação, porque não temos uma lei determinando a divulgação completa da fórmula. E se temos, não há fiscalização.

■
PULSO — Dona Zélia vai se firmar, no governo Collor como a mulher mais dura do mundo quando está trabalhando. A proposta que ela fez aos devedores deixou-os atoleimados, pela audácia do gesto, e pela firmeza da proposta. Os satélites de comunicação estão congestionados com tantas consultas de países para países.

■
UM BI — O usineiro João Lira, que normalmente reclama não ter dinheiro para as despesas de engenhos de cana, foi candidato em Roraima, despejou um bilhão de cruzeiros, não teve votação e ainda vai pagar os impostos em dia.

■
NEUTRALIDADE — Estou tecendo ligações internacionais em busca de notícias e encontro, em Caracas, o porta-voz Cláudio Humberto. É através dele que fico sabendo da disposição do presidente Collor em permanecer com toda a neutralidade na eleição do segundo turno. Isto não significa, diz o porta-voz, que o Presidente deixe de encontrar alguns candidatos. Apoio, mesmo, para nenhum, ficando a Presidência longe das votações.